

## CRIME E TORTURA NA VIDA NUA<sup>1</sup>

I VALTON DE MIRANDA LEITÃO<sup>2</sup>

### RESUMO

Neste trabalho, o autor utiliza exemplos socioculturais e históricos, ampliando o conceito de tortura; o exemplo de Frei Tito de Alencar, torturado pela Ditadura Militar brasileira em 1964, é utilizado como paradigma de tortura sob a óptica psicanalítica. A crítica sociocultural contemporânea coloca a tortura como produtora da exceção dentro da Ordem e da Norma Geral que proclama triunfalmente ter construído o homem civilizado. O crime e a tortura, sob múltiplas formas, ampliam-se através do planeta, assumindo os disfarces mais absurdos. A estética do absurdo surge exatamente dessa negatividade, pois, nesse sentido, o belo fabrica o injusto e o feio. O contrário dessa expectativa seria o belo produzindo o bom e o justo, mas não é isso o que acontece na sociedade contemporânea, pois beleza na cultura destrutiva é estética do absurdo, juízo sem juízo, incapacidade para o exercício do pensamento, anulação das relações afetivas substituídas por jogos de interesse na busca da realização imediatista. O refugiado é conceitualmente entendido como ser torturado dentro do Estado de Exceção, espreado no mundo.

Palavras-chave: Tortura. Refugiado. Vida nua. Inimigo. Tânatos. Eros. Crime.

### ABSTRACT

The author aims to explore sociocultural and historical examples amplifying the concept of torture; the example of Frei Tito de Alencar, tortured by the Brazilian Dictatorship in 1964, is used as a paradigm of torture under the perspective of psychoanalysis. The contemporary sociocultural criticism places torture as a producer of the exception within the Order and the General Rule, which triumphantly proclaims to have built the civilized man. The crime and the torture under multiple ways amplify around the globe, under the guise of absurdities. The appearance of the absurd arises precisely from this negativity, for in such sense the beauty makes the unfairness and the ugly. The opposite would be the beauty producing the good and the fairness, but this is not what we experience in contemporary society, for the beauty in a destructive culture, is the aesthetic of the absurd, judgement without judgement, incapacity to exercise thought, annulment of affective relations replaced by games of interest on the quest for immediacy. The refugee is conceptually understood as being tortured in the State of Exception, spreading in the world.

Keywords: Torture, Refugee, Bare life, Enemy, Thanatos, Eros, Crime

---

1 Artigo escrito para o Congresso Brasileiro de Psicanálise. São Paulo, 2015.

2 Médico psiquiatra e psicanalista. Membro efetivo e analista didata da Sociedade Psicanalítica do Recife e da Sociedade Psicanalítica de Fortaleza. Coordenador da Escola de Psicoterapia Psicanalítica de Fortaleza. Ensaísta político-psicanalítico e escritor.

Não posso mais prosseguir sem a admissão dessa pulsão fundamental, seja psicológica ou biologicamente. Meu pessimismo aparece a mim como um resultado, o otimismo dos meus adversários como um pressuposto, espero que sejam mais felizes do que eu.

Sigmund Freud.

Freud viveu a dor física e mental no seu próprio corpo. Em 1915, seus dois filhos estavam na frente de batalha da guerra que produziu a maior carnificina já presenciada pelo homem moderno. Foi chamada guerra dos químicos, mas os beligerantes já usavam os aviões bombardeiros produzidos pela tecnologia dos físicos.

No mesmo ano de 1915, a Turquia invadiu a Armênia e produziu o que ficou conhecido como um dos maiores genocídios da história.

O criador da psicanálise disse, na correspondência com Einstein, em 1932, que o instinto destrutivo do homem precisava constantemente ser descarregado em outros homens. A dor e o sofrimento fazem um par indissolúvel com o amor e a alegria, mas Tântatos é mais poderoso que Eros.

A razão e a loucura sempre andaram abraçadas ao longo da história humana. A sublimação dessa interpenetração na arte, literatura e filosofia durante o processo civilizatório não esconde a face louca do homem, sua potencialidade criminosa, combinada com sua inventiva defraudatória que a Mitologia Grega tão bem espelha. Foucault nos fala dessa dialeticidade pintada por Hieronymus Bosch e literariamente expressa no *Elogio da loucura*, de Erasmo de Rotterdam, ainda no século XVI, entretanto, sua imagem mais forte é o poema *A nau dos insensatos*, de Sebastian Brant.

A destrutividade nunca aparece isoladamente e, muitas vezes, se disfarça em Eros, alia-se com o desejo de conhecer ou se constitui na ganância, na posse e na dominação.

A pulsão de morte tem muitos matizes e, curiosamente, em uma de suas dobras, o ódio dá origem ao pensamento, e isso significa que a raiva sentida pelo infante na ausência do seio obriga-o a criar um símbolo conceitual, embrião da palavra.

O bebê humano vive o apogeu do sadismo que a reverie materna contém, contrapondo-se, assim, o amor ao ódio, a ordem à desordem, que permite ao nascituro contemplar a beleza da face de Eros. A reverie materna regula, organiza e ajuda o bebê a elaborar sua angústia através da palavra ainda não significada. A principal decorrência disso é que a constituição do pensamento e da linguagem se dá na dialeticidade amor e ódio, morte e vida.

Freud mostra, em *Totem e tabu*, que o homem passa na horda primeva do estado natural ao processo civilizatório por meio do assassinato, do crime e da luta fratricida, colocando inexoravelmente a humanidade no paradoxo da dialética construção-destruição.

Além disso, no texto *Psicologia de grupo e análise do ego*, ele estende uma ponte entre o psiquismo individual e a mentalidade coletiva. O modo de funcionar dessa mentalidade no contexto do que é conceituado como massa possibilita diferentes compreensões de conformidade com a situação histórica em que tal grupo ou coletividade esteja inserido. Portanto, massa pode ter diferentes acepções, conforme seja uma coletividade de torcedores de futebol, ou um grupo indígena que sofra um ataque de outra tribo.

Considerado o fato de que, depois, Bion dará outra compreensão à mentalidade grupal, pode-se dizer que Freud, em *Totem e tabu*, antecipa a questão do líder, que no seu mito da horda é o pai primevo. A compreensão bioniana complementa exitosamente o mito freudiano da horda, pois pressupõe no grupo uma mentalidade inconsciente que oscila entre tendências integradoras e construtivas em constante embate com as de luta e fuga.

O símbolo sociocultural não está dissociado da sua concepção individual, pois surge para impedir que o lado bestial do homem o devore completamente. Freud dirá, utilizando uma imagem bélica, que, ao invés de cravar a lança no inimigo, o

guerreiro lança-lhe um xingamento.

Ora, se o pai primevo, assassinado pelos filhos que cobiçam as mulheres, dá origem ao Totem, é possível dizer que no totemismo encontramos a mais primitiva manifestação simbólica.

A simbolização originária não está apenas no gesto e no corpo, mas também no mandato dos deuses que funda o narcisismo coletivo. A massa não pode ser compreendida sem sua inerente relação com o poder, seja no grupo luta e fuga, seja em qualquer situação grupal onde existam valores religiosos, tradições e costumes. Isso dá nascimento ao narcisismo de pequena diferença. E é essa notável antecipação que o gênio de Freud põe na compreensão da coletividade humana. A sugestibilidade, a pouca racionalidade e a passionalidade darão ao coletivo primitivo uma intensa identificação com o chefe.

Quando Judite corta a cabeça do general assírio Holofernes, o grupo fica, literalmente, descabeçado e desorientado. Isso corresponde, entretanto, a uma simbolização incipiente que ganhará crescente complexidade nos grupos mais organizados da guerra moderna e da igreja.

O animal tem desejo, mas não simboliza – e essa é uma diferença fundamental com o homem. A simbolização é um processo de transformação que se dá em vários níveis, desde a mais simples pintura, passando pela elaboração poética, articulando a relação entre emoções, mitos e paixões simbolicamente, transfiguradas até chegar ao simbólico da geometria e da ciência.

A circulação entre *mythos* e *logos* certamente não implica cesura ou ruptura, mas continuidade na qual a palavra *discurso* subsumirá o mito que permanece latente.

A apreensão mitológica e narcísica desse processo simbólico crescente pode ser acompanhada nas obras de Homero, onde o narcisismo da diferença já exige um ego capaz de um grau elevado de abstração e poder simbólico.

O herói surge como personagem inspirado pelos deuses e sua trajetória trágica

leva-o a divinização. Trata-se de uma dialética na qual o homem e Deus caminham lado a lado, pois, nesse momento, o sagrado e o profano confundem-se. As estruturas heroicas e divinas são profundamente narcísicas e suas homéricas lutas grupais têm a marca do narcisismo coletivo.

Assim, entre o narcisismo de pequena diferença e a guerra, existe somente uma questão de nível, pois os componentes destrutivos do grupo narcísico ficarão extremamente exacerbados quando o inimigo estrangeiro é estabelecido coletivamente. O estrangeiro não é simplesmente uma questão de território ou nação, mas algo produzido entre a razão e a loucura que Goethe imortalizou no binômio Fausto e Mefistófeles.

Sob a influência de Mefistófeles, seu duplo Fausto leva sua amante Margarida a matar o próprio filho recém-nascido. É essa criminalidade originária que a sublimação civilizatória tenta resolver e os deuses do amor tentam conter.

O crime funda o homem e a civilização, enquanto a Lei e seu correlato punitivo tentam impedir a destrutividade.

A psicanálise vai ao encontro de todos os pensadores do realismo político que mostram como o homem é uma criatura perigosa e o grupo de que participa tem antes uma tendência para o conflito do que para o consenso. Tal visão articula o pessimismo antropológico com o realismo político, dando continuidade ao choque milenar entre idealismo e realismo filosófico. A afirmação de que o homem é naturalmente bom e de que é a sociedade que o perverte e o torna mau é uma falácia que a paranoia da cultura contemporânea desmente completamente.

A contenção pela norma geral (Constituição) ou pela moral religiosa tem se mostrado historicamente insuficiente, porque no interior da cultura civilizada, a exceção já está contida como potencial para a ruptura da ordem dita democrática.

O entendimento do jurista e filósofo alemão do nazismo, Carl Schmitt, revela como a categoria grupal do inimigo representa o dinamismo sociopolítico que historicamente se exprime como embate nas guerras ou na organização

democrático-eleitoral, dando origem a um encadeamento permanente entre norma geral e quebra constitucional.

A exceção está contida no sistema jurídico-político e o estado soberano ou nação, em dado momento histórico, decide sobre seu uso. Schmitt mostrou com notável argúcia esse funcionamento universal e necessário do processo político, tal como a lei da gravidade<sup>3</sup> que nenhum cientista pode desconhecer. A crueldade, portanto, é inerente ao homem individualmente e está embutida na cultura. O acionamento do gatilho que a dispara depende de circunstâncias históricas, cuja repetição não é possível prevenir.

Em 2011, o presidente norte-americano G. W. Bush, usando da sua condição de soberano do país mais militarizado e rico do mundo, determinou que a humanidade estivesse dividida entre os do bem e os do mal, e que a Convenção de Genebra sobre os prisioneiros de guerra estava daí em diante suspensa. O decreto do soberano do mundo significava uma divisão maniqueísta das nações, e autorizava que a força militar policial do seu país pudesse praticar qualquer crime fora dos EUA, pois nenhum soldado norte-americano poderia ser julgado, senão em sua própria nação, enquanto a tortura poderia ser praticada com o “justo objetivo” de obter informações supostamente protetoras para o povo estadunidense.

O ex-presidente Obama tentou reverter esse flagrante desrespeito à lei internacional, mas não conseguiu, e a Convenção de Genebra continua sendo desrespeitada enquanto Guantánamo<sup>4</sup> funciona a todo vapor.

Historicamente, os pactos e as convenções são rompidos quando algum interesse geopolítico ou econômico de uma nação poderosa justifica o apelo à exceção.

---

3 Evidentemente que o estabelecimento de uma categoria fundadora é sempre problemático como o é, por exemplo, a categoria de um poder abstrato que penetra todos os extratos da sociedade como pretende Foucault, mas isso não invalida o fato de que, tanto no caso de Schmitt como no de Foucault, haja grande dose de verdade quando examinamos os fatos historicamente.

4 Guantánamo é parte do território cubano que está sob o domínio dos Estados Unidos, onde estão instaladas uma base naval e uma prisão para terroristas de verdade ou supostos.

A exceção, instaurada em todas as épocas pelos vencedores do embate político, implica sempre banimento da maior parte do grupo vencido, porque quem não adere ao novo sistema é considerado perigoso, subversivo ou criminoso. A criminalização faz parte da excepcionalidade e cria constantemente um clima de paranoia e terror.

Schmitt diz que a constituição política estabelecida no Estado é uma normatividade relativa, enquanto sua ruptura é a regra. Isso pode ser traduzido dialeticamente como o binômio *ruptura* ↔ *estabilidade*, embora a ruptura esteja sempre potencialmente presente.

O racionalismo do Iluminismo acreditava que o conhecimento e a ciência aperfeiçoariam o Estado democrático, enquanto os frutos do desenvolvimento tecnológico seriam postos à disposição da paz no mundo. A verdade é que a tecnologia está cada vez mais a serviço da guerra, enquanto as nações hegemônicas praticam cotidianamente o exercício de esmagar os povos dominados mundo afora.

A comunicação que poderia ser ação comunicativa à disposição da sociedade humana tornou-se mídia mundializada a serviço do domínio, da posse e da ganância de grupos privilegiados<sup>5</sup>.

A perversão da comunicação acompanha a transformação cultural provocada pelo mercado capitalista contemporâneo, traduzindo-se em falta de profundidade, desbaratamento das relações afetivas intergrupais e interpessoais ao lado de uma crescente dominação dos sujeitos humanos, individual e coletivamente.

A mídia mundializada consegue congelar o presente no fragmento imagético, levando ao desconhecimento do passado e à incapacidade de pensar o futuro. O indivíduo, incapaz de verdadeira atividade pensante, mergulha na cultura líquida do entretenimento mercantilizado. Isso significa que até o lazer se tornou instrumento do mercado, transformando todos os espaços, inclusive o

---

<sup>5</sup> Thomas Piket mostrou com grande competência a dimensão dessa concentração absurda da riqueza, mas infelizmente sua proposta política é simplesmente neokeynesiana pífia.

corpo humano, em mercadorias para o consumo narcísico. Portanto, o tempo foi congelado, o espaço comprimido e o pensamento tornou-se apenas uma nuance com grande empobrecimento simbólico<sup>6</sup>.

Trata-se de um processo histórico e não de algo genealógicamente datado, como pretendem os pós-modernos. O exame retrospectivo do desenvolvimento da palavra e da linguagem mostra o desencontro com a sociedade “traumatiforme” do presente. Compreender essa dimensão exige um movimento ao mesmo tempo progrediente e regrediente<sup>7</sup> no exame da cultura e do indivíduo.

O pensamento e a palavra, que são seus instrumentos, nascem do ódio e do medo da separação que o infante sente em relação à matriz seio<sup>8</sup>. Tal desenvolvimento no indivíduo vai coincidir com elementos equivalentes na coletividade. Portanto, é possível dizer que o desejo homicida-matricida é anterior ao parricídio no mito da horda primeva. A vontade de saber, domínio e posse que acompanha a pulsão epistemofílica, tem mais força do que a pulsão libidinal, porque contém agressividade imanente.

Hobbes caracterizou de modo consistente este impulso para alcançar o poder que Nietzsche atribuiu a uma misteriosa vontade e Foucault definiu como categoria fundadora. O domínio sobre a população seria então um equivalente da necessidade que tem o infante humano de se fundir com e dominar a mãe. A famosa frase de Hobbes: “o homem é o lobo do homem” poderia ser parafraseada: “o homem e o lobo estão sempre necessariamente juntos no lobisomem”.

O desenvolvimento dessa relação ingressou na própria cultura, tornando-a produtora de esquizofrenia e paranoia, negatizando e empalidecendo a razão.

Assim, antes da posse das consciências, o poder procura apoderar-se dos

---

7 Os termos utilizados em lugar de progressivo e regressivo tem o sentido de dar maior consistência a essa compreensão, pois parto do princípio de que as palavras se tornam gastas e perdem o seu sentido original.

8 O paradoxo humano é que o indivíduo sempre tenta voltar à matriz, mas a separação e a diferença são o sustentáculo da sua integração simbólica, social e cultural.

corpos. Nesse ponto, a compreensão psicanalítica entra em acordo com Foucault, pois a posse de corpos destituídos de sua capacidade de pensar e criticar é que impele o poder em geral.

Nesta exposição, permito-me uma licença descritivo-linguística, dizendo que o homem não é simplesmente dividido, mas “trividido”.

A batalha entre a destrutividade, a integração amorosa e o desejo de posse e domínio, tanto pelo conhecimento quanto pela força, estão presentes desde o começo do longo percurso homínida, e não há nada que indique que essa conflagração individual e grupal tenha terminado.

O impulso criminoso do homem pode ser acompanhado historicamente, e, em um sentido amplo, significa a história da crueldade humana.

Voltaire, na sua genial premonição, mostra como a filosofia do otimismo de Leibniz não se sustenta diante das múltiplas faces que assume a crueldade humana. Arouet, com sua ironia fina e picaresca, revela como os bárbaros tinham feito churrasco de uma das bundas da ama de quarto da senhorita Cunegundes.

Cândido, apesar de ver constantemente a maldade dos homens que maltratam sua amada e infiel Cunegundes, continua a acreditar no otimismo grandioso do filósofo Pangloss (Leibniz). Em outro conto genial, Babuc mostra como esse observador da natureza humana enviado pelos deuses acaba dando o seu veredito de que a raça humana não merece sobreviver habitando o planeta Terra.

O anjo Ituriel deverá iniciar, portanto, a punição da humanidade destruindo Persepólís (Paris) com sua espada de fogo, punindo os homens pelos seus crimes. A alegoria é perfeita, porquanto a criminalidade nasce com a civilização e está integrada na cultura.

Se Freud está alinhado aos pensadores do pessimismo como Sorel e Voltaire, é porque sabe que a Razão humana tão louvada pelos filósofos do Iluminismo e da Ilustração não é capaz de conter a fúria tanática do homem. Desde Totem e Tabu,

passando pela Psicologia das Massas, Análise do Ego e chegando ao Mal-Estar na Civilização, podemos perceber como o criador da psicanálise compreende que a destrutividade e a crueldade aniquilarão um dia a Persepolis moderna, e que Ituriel ainda está jogando dados para escolher seu alvo.

Tanto quanto Freud, não acredito que o superego coletivo seja capaz de conter a violência multifacetada do homem na sua forma líquida e molecular infiltrada em todos os polos da civilização. O criminoso está sim no homem comum, como Eichmann, pois a barreira que no indivíduo separa o perverso-polimorfo do erótico-amoroso pode ser anulada pela cultura da crueldade.

## DESENVOLVIMENTO

A tortura faz calar. Ela faz calar as vítimas, os torturadores em um mesmo silêncio, mas também faz calar os que a autorizam, que a encorajam, a programam, com o objetivo explícito de manter opacos seus estratagemas. A tortura é um destes *faits maudits* que pertencem à face oculta e escondida da espécie humana. (Sirone, 1999, p. 11)

O conceito de tortura precisa ser ampliado para aproximá-lo à dialética da convivência sociocultural humana; dessa forma, a tortura seria praticada cotidianamente na escola, na fábrica e na academia, mantendo uma relação dialética com a convivência.

É necessário dizer que a fronteira entre sofrimento e dor é muito porosa, podendo o sofrimento se tornar dor lancinante e a dor lancinante voltar ao estado de sofrimento. O uso psicológico, social e político dessa dinâmica que pode desaguar no crime é o que tento expor neste trabalho.

A tortura trabalha com a dor que pode levar a mente até a psicose. É o caso de Frei Tito de Alencar, que recebeu as mais cruéis torturas, desenvolvendo posteriormente um delírio psicótico. O torturador sabe que, para isso, é necessário reduzir sua vítima à invalidez física e ao completo abandono moral.

Nesta solidão inexorável, o torturador, seveciando um corpo nu e indefeso, produz no ser humilhado uma total submissão, levando à perda da bússola interior que aponta o caminho-sentido pela desqualificação da palavra-discurso, fazendo assim submergir a identidade no caos da dor e do sofrimento psíquico.

À impotência semântica soma-se a física, destruindo a raiz ontológica do Ser e também do Outro intersubjetivo, minando, portanto, os valores e a poesia que, por meio do Verbo, instituem a dignidade humana.

O torturador sabe intuitivamente que sua vítima acabará por se identificar com sua abominação, pois a dor física e mental anula até a identidade mais profunda que reside no pré-consciente; então Tito dirá que: Fleury é meu soberano, meu senhor e eu agora me chamo também Fleury.

O processo de simbolização está anulado em todos os seus níveis para que prevaleça somente a vida nua que nem mesmo é a do escravo, mas se restringe ao Nada.

O maniqueísmo volta à cena, dividindo o homem entre bom e mau, lobo e anjo. O maniqueu é um político ou religioso, e/ou as duas coisas juntas, que acredita categoricamente na possibilidade de matar o lobo existente no outro homem. É essa loucura paranoica que alimenta a tortura em qualquer uma de suas formas, política ou social.

O silêncio e o crime fazem parceria para que a tortura possa produzir seu efeito destruidor. O Ser desapareceu, o pensamento verbal não faz conexão com a realidade da linguagem, a destruição psicótica toma conta da mente e do corpo.

A capacidade de simbolizar é essencial para que o homem possa juntar as partes cindidas, divididas ou trividas, mas a destrutividade atinge desde o nível mais elementar até o mais elevado de simbolização. Alguém já disse que a dor é inimiga de qualquer filosofia, portanto, os mais elevados símbolos da mente humana não podem mais ser utilizados, e o poetar se torna impossível.

O seguinte trecho de um poema de Frei Tito fala dessa capacidade poética destruída:

“[...] Quando secar o rio da minha infância / Secará toda dor”. O caso paradigmático de Tito torturado pelos abjetos e sombrios capitão Albernaz e delegado Fleury mostra até onde a loucura política pode ser cúmplice do psiquismo humano sob o manto da legalidade.

A prisão e tortura em 1969 deveriam servir, conforme a visão ditatorial e paranoica instalada pelo golpe militar brasileiro, como exemplo para todo padre ou religioso que, assumindo o sonho utópico da libertação humana, pretendesse uma aproximação com a esquerda, porque o teólogo tinha percebido que o Sagrado era categoria de apreço comum para ambos<sup>9</sup>.

O ditador presentiu o perigo dessa união e resolveu exorcizá-la pela via mortífera da tortura. O exorcismo é um procedimento onde o pensamento mágico acredita poder exterminar o inimigo por meio do ataque e da destruição da sua efígie ou retrato que, por outro lado, pode simbolizar todo um grupo humano, como era o caso dos religiosos que Tito passou a significar. Este é o cerne da tortura política, que visa muito pouco a obtenção de informação e muito mais ao descrédito do adversário pela pecha infamante de louco ou traidor.

A brutalidade maior dessa situação, entretanto, somente se manifestou quando Tito, já estando expatriado e “livre” na França, apresentava, então, um obstinado delírio melancólico em que o delegado Fleury era o seu ídolo satânico. Tal condição pode ser comparada a uma possessão demoníaca em uma personalidade destruída, surrupiada de seus valores religiosos e revolucionários, onde a tortura só deixou espaço para o autoaniquilamento ou suicídio.

O odiento delegado instalara-se definitivamente na mente terna e amorosa de Tito, que já não se sabia padre nem revolucionário, e muito menos poeta.

---

9 Os símbolos da sacralidade estão sempre presentes nos cerimoniais e rituais da vida política, os indivíduos que exercem qualquer tipo de poder são sempre investidos pela massa com certa dimensão de divinização. Eliade mostrou isso em *O Sagrado e o Profano*, e Schmitt, em sua *Teologia Política*.

O momento mais violento da dialética senhor-escravo ou torturador-torturado é esse da identificação com o agressor, quando o indivíduo já está despojado de suas ideias e ideais, e, assim, assume a autotortura até alcançar a autodestruição. A situação de extrema desvalorização é representada, nessa tragédia, pelo fato de o suicídio ter acontecido dentro de uma lixeira onde se encontrava um belo álamo. A árvore simboliza a beleza trágica dessa situação pungente, e da sabedoria que as serpentes tentam suprimir, pois Tito acabou trazendo à tona, por meio do cenário teatralizado do delírio, o conhecimento mais profundo do sadomasoquismo que lança luz sobre a bestialidade da tortura. Deste modo, a alienação mental é quase absoluta quando exorcista e exorcizado, torturador e torturado se confundem, mas a desorganização mental não chegou a destruir completamente a razão e o desejo de dar algum sentido ao dramático sofrimento. Por esta razão, creio que Tito teve todo tempo a intenção secreta e grandiosa de oferecer a sua penúria ao universo daqueles que pensam a política como indissociável da ética.

Assim, da mesma maneira que Freud fala da verdade implicada no delírio paranoico de Schreber, posso supor que o delírio plástico histeriforme de Tito contém intencionalmente uma grande verdade sobre essa abjeção humana. O que Tito denuncia, pelo único caminho que lhe restava, é o bruto no homem que, por meio do ódio, alimenta essa combinação insana de crueldade e política. Essa compreensão está presente no relatório extremamente realista e respeitoso do psiquiatra francês que o assistiu, quando afirma não ter encontrado um quadro nosológico preciso, mas uma dramatização dos elementos que compõem a fenomenologia da tortura. Neste sentido, podemos ler no texto de Jean-Claude Rolland: “[...] nós pressentíamos também que sua consciência não tinha mergulhado inteiramente em uma convicção delirante e que estávamos lidando ali mais com um testemunho do que com uma patologia exibida pelo paciente”. Isso permite afirmar que Tito ludibriou Fleury e voltou-se culturalmente para a vida, retomando o seu ideal de padre e revolucionário.

Certamente que nem todos os torturados tiveram ou têm o mesmo destino trágico de Frei Tito de Alencar, pois muitos conseguem salvar suas mentes por meio do que hoje se chama leniência ou trabalho intelectual, capaz de reforçar a resistência ao agressor, apoiando-se nos valores humanos universais.

Ao desligamento da realidade ou desobjetualização em relação às pessoas que a destrutividade impulsiona é contraposto um trabalho simbólico intenso para que as relações amorosas de convivência e os vínculos externos e internos de amor, ódio e conhecimento possam ser mantidos ativos. O exemplo de Graciliano Ramos e seus companheiros em constante trabalho intelectual retratados no livro *Memórias do cárcere* é um excelente modelo disso. A mesma coisa pode ser dita de Antonio Gramsci, que produziu a mais refinada das teorias políticas marxistas durante sua prisão e tortura pela polícia de Mussolini. O livro de Gramsci, *Cadernos do cárcere*, exhibe todo vigor do pensador que produziu uma nova teoria da democracia e uma inovadora concepção do Estado Moderno.

A tolerância com a tortura costuma dividir os pensadores pragmáticos e os absolutistas da ética, sem que suas opiniões, contudo, tenham obtido influência decisiva na abolição ou mesmo atenuação desta barbaridade. A reflexão filosófica esbarra na realidade da vida política, na qual a crueldade está quase sempre contida. A relação entre vida cultural e política, supostamente consolidada pelo processo civilizatório como progressista, justa e democrática, é constantemente negada pelos fatos.

A desumanidade da tortura e outras perversões estão contidas na intimidade da cultura e do indivíduo, negando constantemente os valores que a civilização propagandeia. A vida nua é assim presença recorrente, levando o homem à condição de besta natural em contraste com o orgulhosamente proclamado civilizado.

O filósofo norte-americano Richard Rorty (2002) colocou esse dilema nos seguintes termos:

Kant podia ver a masturbação e a sodomia como ultrajes morais, mas nós não somos, mesmo que sejamos tão absolutistas quanto ele quando se trata de tortura. Kant era capaz de considerar as mulheres como carentes das faculdades necessárias para resolver questões morais, mas nós não somos. E ainda deveríamos substituir o dito “a verdade nos tornará livres” por “nossa habilidade de redescrever as coisas em novos termos nos fará mais ricos, mais complexos e mais interessantes do que éramos”.

A tentativa de resolver filosoficamente questões culturais e políticas esbarra nesse tipo de anti-historicismo idealista, portanto, incapaz de compreender a extensão da dor humana.

A incompreensão histórica tem história. Marx, comentando texto de Balzac sobre Napoleão III, “Le Petit”, em contraste com seu tio-avô Napoleão I, ao criticá-lo acaba engrandecendo-o exatamente porque desconhece a historicidade. Assim atribui ao grotesco e medíocre Napoleão III a capacidade de executar individualmente transformações de que seu cérebro de toucinho<sup>10</sup> jamais seria capaz.

A história do nazismo e do stalinismo pode ser expressa em termos de crime, tortura e dor infligidos àqueles que o soberano considerasse inimigos do regime.

Entretanto, na contemporaneidade vamos encontrar os ingredientes da dor, do sofrimento, da tortura e do crime institucionalizados mundialmente por meio da extrema diferença econômico-social e da extrema pobreza, que inevitavelmente leva à sordidez criminosa.

Quando Freud escreveu “Uma criança é espancada”, não tratava simplesmente de brutalidade educacional, mas de um funcionamento sadomasoquista que utiliza a projeção como instrumento para sentir prazer na dor do outro. O gozo é vicariante, e a criança aparentemente neutra sente prazer e dor ao ver seu irmão, amigo ou companheiro espancado pelo pai ou professor.

Tal dispositivo é utilizado pelos torturadores que costumam torturar suas vítimas colocando os próximos da fila abjeta em uma sala vizinha. A técnica da tortura é “cientificamente” estudada pelos aparelhos repressivos e ditatoriais de todo o mundo. Existem campos de treinamento para torturadores mantidos pelas principais potências hegemônicas do planeta.

---

10 Marx denominava Napoleão III de cérebro de toucinho.

É sabido que, no período da Ditadura Militar brasileira, técnicos dessa espécie ignominiosa vieram dos EUA, da França e de outros países para ensinar seus procedimentos aos “estudantes” brasileiros. Fleury, que já era “professor”, aprimorou sua técnica ao máximo, juntamente com o famigerado Capitão Albarnaz, responsáveis, dentre outras, pela bárbara tortura praticada em Frei Tito de Alencar. Muitos policiais e militares, durante a Operação Condor, foram enviados para o Panamá com a finalidade de receber a mesma instrução abjeta que, segundo eles, deveria ser aplicada para obter informações úteis na guerra contra o inimigo comunista. O psicanalista sabe que o objetivo da tortura não é apenas obter informações, mas principalmente calar a vítima para que todos aqueles que pensem na mesma linha sejam também calados.

Não é demais repetir o que disse Françoise Sironi: “[...] a tortura faz calar. Ela faz calar as vítimas, os torturadores em um mesmo silêncio, mas também faz calar os que a autorizam, que a encorajam, a programam, com o objetivo explícito de manter opacos seus estratagemas. A tortura é um destes *faits maudits* que pertencem à face oculta e escondida da espécie humana”.

É necessário acrescentar que essa face oculta da espécie humana não está tão escondida assim como pretende a autora, pois sabemos que se encontra no perverso individual e também na crueldade contida na cultura. Se o perverso polimorfo existe potencialmente em cada ser humano, o desejo de domínio e posse sobre outro grupo humano se abriga na consciência coletiva da sociedade de consumo.

O inumano está contido no humano que a sociocultura contemporânea representa. Existe atualmente o afloramento na superfície cultural de impulsos nazistas de xenofobia, racismo e intolerância, com qualquer diferença repudiada pela classe dominante. A classe média que mimetiza facilmente o sistema de dominação assume pontualmente, sem bem saber por que, preconceitos xenófobos, homofóbicos e raciais.

O delator que nasce no Império Romano foi institucionalizado pelo exército norte-americano na Guerra do Vietnã e agora se transforma em instrumento jurídico

que nem a Ditadura Militar brasileira conseguiu com o “dedo duro”<sup>11</sup>. A infâmia humana não tem limites e pode ser incluída na norma geral (Constituição), que tem por objeto exatamente evitar os excessos do homem!

## CONCLUSÕES

A crítica da sociocultura contemporânea coloca-a como produtora da exceção dentro da Ordem e da Norma Geral que proclama triunfalmente ter construído o homem civilizado.

O crime e a tortura sob múltiplas formas ampliam-se através do planeta, assumindo os disfarces mais absurdos. A estética do absurdo surge exatamente dessa negatividade, pois nesse sentido o belo fabrica o injusto e o feio. O contrário dessa expectativa seria o belo produzir o justo e o bonito ou bom, mas não é isso o que acontece na sociedade contemporânea, pois beleza na cultura destrutiva é estética do absurdo, juízo sem juízo, incapacidade para o exercício do pensamento, anulação das relações afetivas substituídas por jogos de interesse na busca da realização imediatista.

Nessa perspectiva, a passagem da estética para a ética é potencialmente impossível, porquanto seria mentiroso dizer que a sociedade humana contemporânea é boa e justa. Isso somente é possível para idealistas românticos, mas não para o realismo político ou para o psicanalista, que vê na destrutividade do indivíduo e do grupo um processo em expansão.

A clínica psicanalítica contemporânea revela a gradual substituição do paciente neurótico tradicional pelo paciente borderline-fronteiriço, cuja destrutividade André Green assinalou como tendência desobjetalizante.

O exame do crime e da tortura, em uma perspectiva psicanalítica e sociopolítica ampla, exige um modelo que possa dar conta de alguns elementos básicos. Dessa maneira, o crime de tortura, dentro do seu mais universal espectro, é o

---

11 A denominação de dedo-duro, durante a Ditadura Militar brasileira, tornou-se um sinônimo da abjeção da delação.

paradigma da anulação do humano. Na linguagem filosófica de Aristóteles e, contemporaneamente, na de Agamben (2002), pode também ser chamada vida nua. Utilizo aqui uma tortura realmente acontecida durante a Ditadura Militar brasileira, o caso de Frei Tito de Alencar.

Sartre antecipou essa situação em *O Ser e o Nada*, e aqui é possível observar o nada na sua condição puramente animal. Nessa circunstância, crime, tortura e vida nua são conceitos intercambiáveis que no contexto sócio-histórico se apresentam como má teoria. Tal como os judeus durante o nazismo, considerados “cidadãos” de segunda categoria, os quais era necessário matar para que não perturbassem a ordem da sociedade.

A confusão do não pertencimento na perspectiva coletiva vai então estabelecer uma ligação com o estado confusional decorrente dessa constante tortura.

Isso significa, na prática, um permanente estado de confusão no qual os limites entre realidade interna e realidade externa ficam mascarados e borrados. A harmonia do belo, seja na arte ou no corpo, é assim transtornada, produzindo constante estranheza.<sup>12</sup>

É impossível a ampliação da criatividade, como pretende Richard Rorty (2002), ou da nova dimensão criativa dos espaços arquitetônicos, como fala Fredric Jameson, se o que se observa na contemporaneidade é um gigantesco empobrecimento simbólico, executado igualmente por meio da indústria cultural.

A tortura do refugiado em um dos polos e a busca pela criatividade artística no outro criam o sentimento de um estúpido paradoxo em que o humanitário e o político não se encontram.

O migrante refugiado é a coletividade torturada, seja nos campos de concentração de Stalin ou de Hitler, seja na bestial condição dos africanos e asiáticos que

---

12 A vasta literatura sobre o estranho nas artes em geral confirma essa compreensão.

se lançam ao mar como bandos de animais em fuga, buscando uma salvação impossível.

Nessas condições, o homem não é um ser humano e nem um ser político. O exemplo atual mais flagrante dessa situação é o refugiado, que não pertence a lugar nenhum e, portanto, pertence àquele bando que Giorgio Agamben (2002) chama *homo sacer*. Tais indivíduos não têm identidade política e, assim, podem ser impunemente assassinados. O refugiado é essa figura que desde a Primeira Guerra Mundial cresce no mundo inteiro, sendo a sua tortura exatamente a de não pertencer nem à humanidade nem a um grupo político definido, e tão pouco poder ser considerado um povo. A sua condição é a de não ser, pois ninguém se incomoda que mulheres, crianças e homens adultos nessa situação morram afogados ou fuzilados pelas forças de segurança nas fronteiras dos estados que tentam impedir sua entrada.

O silêncio sobre a negação do humanitário, que a mídia mundializada obtém com a máquina do entretenimento, cria as condições do que Zygmunt Bauman chama de cultura líquida, na qual o imagético substitui a razão comunicativa.

A cultura da imagem está inscrita em todos os processos comunicacionais e midiáticos atuais, deixando pouco espaço para a criação imaginária e o pensamento verbal. O pensamento é o maior inimigo dessa dinâmica sociocultural, pois seu exercício crítico se contrapõe ao desenvolvimento do absurdo dessa nova forma de dominação sem sujeito.

A vida nua é precisamente essa subjugação dos corpos com o concomitante aniquilamento da consciência. A simbolização é um processo de transformação constante ocorrendo em vários níveis entre o indivíduo e o grupo, o trabalho e a cultura. O processo simbolizador estético-artístico está dialeticamente articulado ao dedutivo científico. O enfraquecimento dessa função produz regressão ao natural e animal; de modo figurado, é como se o homem dito civilizado regressasse cada vez mais à sua origem antropológica na qual o crime se confunde com a matança pela sobrevivência. Isso pode parecer demasiado catastrófico e/ou pessimista, mas

os fatos<sup>13</sup> que a comunicação midiática não consegue esconder são por demais evidentes.

Ao dismantelar o processo representacional simbólico, o homem fica cada vez mais assujeitado a uma violência não sensorial, cuja repercussão envolve o indivíduo e a coletividade.

O banimento ou desterro sempre foi uma das formas prediletas de colocar o homem fora da pólis, portanto, no contexto da vida nua. Desde Aristóteles, estabeleceu-se que *bios* corresponde ao conceito de homem verdadeiro vivendo na cidade politizada, organizada e normatizada, ao passo que, quando se torna zoe no desterro, cai na vida simplesmente animal. É essa dialética antitética que aparentemente está prevalecendo no planeta, impulsionada pelo mercado capitalista no qual o crime, a tortura e a dor, escondidos detrás do discurso midiático mundializado, prevalecem.

Nesse contexto, como dizem Deleuze e Guattari, essa cultura é produtora constante da mentalidade esquizofrênica, mas eu diria esquizofrênica e paranoica. Assim, se esquizo, dividida; se paranoica, perseguida.

Talvez seja preciso extrair desse mundo persecutório de fronteiriços algo de bom, como Bloch pretendeu no Princípio Esperança. Os apologistas da comunicação eletrônica e da informática contemporânea não se dão conta de que a internet funciona em uma fronteira perigosa entre a destruição e a construção, o hieróglifo e o discurso, a imagem e o verbo.

Nesse mundo dominado pelos interesses dos grandes monopólios midiáticos e pelo dinheiro, Mefistófeles certamente vai ganhando a parada, como no Fausto de Goethe.

---

12 Rousseau disse que quando os fatos não coincidem com a teoria, que se mande as favas aos fatos. Certamente, isso cheira a cinismo.

## REFERÊNCIAS

- Agamben, G. (2002). *Homo sacer: o poder soberano e a vida nua I*. Tradução de Henrique Burigo. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG. (Homo Sacer – Il Potere Sovrano e la nuda vita).
- Arantes, M. A. A. C. (2013). *Tortura: testemunhos de um crime demasiadamente humano*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Freud, S. (1974). *O mal-estar na civilização*. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, v. XXI. Rio de Janeiro: Imago.
- Rorty, R. (2002). *Pragmatismo – Livro anual de psicanálise – Tomo XVI*.
- Sirone, F. (1999). *Carrascos e vítimas – Psicologia da tortura*. São Paulo: Terceira Margem.